

UMA FOTOGRAFIA SOCIOLINGUISTICA DA REDUÇÃO DO GERÚNDIO COM BASE NOS DADOS DO ATLAS LINGUISTICO DO BRASIL

Aluiza Alves de Araújo*

Maria do Socorro Silva de Aragão**

Resumo: Esta pesquisa trata do apagamento de /d/ no morfema de gerúndio 'ndo', como em dormindo ~ dormino, sob o prisma da Sociolinguística Variacionista, partindo de dados do Atlas Linguístico do Brasil. Para tanto, selecionamos 104 informantes, estratificados de acordo com o sexo/gênero (masculino e feminino), a faixa etária (18 a 30 anos e 45 a 60 anos), a escolaridade (até a 8ª série do fundamental e ensino superior completo) e a localidade (Aracaju, Fortaleza, João Pessoa, Maceió, Natal, Recife, Salvador, São Luís e Teresina São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória e Belo Horizonte). Com o propósito de analisar o papel de fatores sociais na redução do gerúndio nas capitais do Nordeste e do Sudeste do Brasil, examinamos as variáveis: sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e localidade. Os resultados demonstraram que, nas capitais do Nordeste, ocorre mais o apagamento do que no Sudeste, embora os valores obtidos, para ambas as Regiões, não destoem muito. Tanto no Nordeste quanto no Sudeste, o sexo/gênero masculino e os menos escolarizados privilegiam a redução.

Palavras-chave: Apagamento, gerúndio, Sociolinguística Variacionista, Atlas Linguístico do Brasil.

Abstract: This research deals with the deletion of / d / in morpheme gerund 'ing', as in dormindo ~ dormino, from the perspective of sociolinguistics variationist, from data of the Linguistic Atlas of Brazil. We selected 104 respondents, stratified according to sex / gender (male and female), age group (18-30 years and 45-60 years), education (up to the 8th grade of elementary and complete higher education) and location (Aracaju, Fortaleza, João Pessoa, Maceio, Natal, Recife, Salvador, Sao Luis and Teresina São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte and Vitória). In order to analyze the role of social factors in reducing the gerund in the capitals of the Northeast and Southeast regions of Brazil, we examine the variables: sex/gender, age, education and location. The results showed that in the capitals of the Northeast, there is more deletion than in the Southeast, although the values obtained for both regions, not detract much. Both the Northeast and Southeast, men and less educated privilege reduction.

Keywords: Deletion, gerund, Variationist Sociolinguistics, Linguistic Atlas of Brazil.

Palavras iniciais

* Professora Doutora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará - UECE, Pós-Doutoranda pela Universidade Federal do Ceará - UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil, aluizazinha@hotmail.com.

** Professora Doutora em Linguística – USP – Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL-UFC; Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL-UFPB, socorro.aragao@terra.com.br

A eliminação de /d/ no morfema de gerúndio não se restringe apenas ao português brasileiro, já que o fenômeno também é encontrado no português europeu (SILVA NETO, 1952) e no italiano (MELO, 1971; SILVA NETO, 1952). Na variedade de fala brasileira, o processo é registrado desde as primeiras investigações dialetológicas (AMARAL, 1920; MARROQUIM, 1934; ARAGÃO, 1984).

Por apagamento, entendemos um processo que “ocorre quando há a supressão de um segmento da forma básica de um morfema.” (CAGLIARI, 2002, p. 101). Assim, quando o informante realiza um verbo como remar no gerúndio (remando) e a dental /d/ é eliminada (remano), dizemos que houve apagamento¹.

Nesta investigação, na perspectiva da Sociolinguística Variacionista (WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV (2008, 1994, 2006), estudamos o apagamento de /d/ no morfema “ndo”, a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (doravante ALiB), com o objetivo de descrever e analisar os fatores sociais (sexo/gênero², faixa etária, escolaridade e localidade) favorecedores da regra examinada. Ainda não analisamos fatores linguísticos, porque sofreriam interferência do léxico, considerando que esta pesquisa foi realizada exclusivamente com dados do Questionário Fonético-Fonológico (doravante QFF). No entanto, temos o interesse de ampliarmos nossa amostra com dados de outros questionários em um próximo estudo.

Do ALiB, utilizamos, ao todo, dados de 104 informantes das nove capitais brasileiras do Nordeste (Aracaju, Fortaleza, João Pessoa, Maceió, Natal, Recife, Salvador, São Luís e Teresina) e das quatro do Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória e Belo Horizonte). Para analisar a realização do gerúndio, contamos com todos os itens lexicais disponíveis no QFF do ALiB.

Se, em muitas partes do mundo, professor e aluno vivenciam situações de heterogeneidade linguística na sala de aula, no Brasil, isso ocorre, frequentemente, por ser não só um país de grande extensão territorial, mas também de muitas contradições sociais. Em razão disso, é imprescindível conhecer nossas variedades linguísticas, para que professor e aluno tenham uma compreensão mais científica e menos preconceituosa de fenômenos como a redução do gerúndio, possibilitando um ensino de língua portuguesa mais condizente com a realidade linguística do aluno. Desse modo, é importante estudarmos, ao menos, os

¹ Consideramos que os termos eliminação, cancelamento, redução e queda são sinônimos de apagamento.

² Acreditamos que a terminologia gênero, por estar vinculada ao papel social que homens e mulheres desempenham em sociedade (ECKERT; McCONNELL-GINET, 2003), seria a mais adequada. No entanto, quando foram realizadas as entrevistas do ALiB, deu-se prioridade à separação em sexo biológico dos informantes. Por isso, neste estudo, adotamos a terminologia gênero/sexo.

fenômenos variáveis mais frequentes na língua e que atingem a modalidade escrita dos alunos, como o que analisamos aqui.

Sabemos que o tema aqui abordado já foi tratado à luz de várias perspectivas teóricas e, mais atualmente, também vem sendo discutido sob o viés variacionista (NASCIMENTO; ARAÚJO; CARVALHO (2013), para Fortaleza-CE; FERREIRA; TENANI; GONÇALVES (2012), para São José do Rio Preto-SP; COSTA (2009), para Catu-BA; MARTINS (1999), para João Pessoa-PB; MOLLICA; MATTOS; GODINHO (1989), para o Rio de Janeiro-RJ. Portanto, vimos que, dos nove Estados nordestinos, apenas três, Ceará, Bahia e Paraíba, haviam sido contemplados com alguma investigação desta natureza. No Sudeste, dos quatro Estados, só localizamos pesquisas para São Paulo e Rio de Janeiro. Além disso, verificamos que somente os trabalhos de Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012) e Martins (1999) incluem dados de informantes com nível superior completo. Como nos dados do ALiB, poderíamos analisar o comportamento deste fenômeno em todas as capitais do Nordeste e do Sudeste do Brasil, controlando, também, dois níveis de escolaridade, fundamental e formação superior completa, sendo que este último nível pouco havia sido controlado antes para a redução do gerúndio, consideramos, então, que a realização deste trabalho se fazia necessária.

Esse trabalho está dividido em cinco partes: a primeira traz esta breve introdução, apresentando o objeto de estudo e sua delimitação, o objetivo do trabalho e a relevância do estudo; a segunda apresenta, resumidamente, os resultados de três estudos sobre o fenômeno no português brasileiro sob o prisma variacionista; a terceira trata da metodologia usada, apresentando a amostra, o perfil dos informantes e o método de análise estatística; a quarta parte revela os resultados obtidos e a sua interpretação; e, finalmente, a quinta parte traz as conclusões.

Estudos variacionistas sobre a redução do gerúndio no português oral do Brasil

Conforme Naro (2003, p. 19), “as frequências brutas, embora concretas e intuitivamente bastante reais, podem ser falaciosas, porque seu cálculo não leva em conta as inter-relações existentes entre as categorias que atuam numa regra variável.” Por isso, apresentamos aqui apenas os trabalhos variacionistas sobre a redução de gerúndio no português brasileiro que exibem os pesos relativos em seus resultados (MARTINS, 1999; FERREIRA; TENANI; GONÇALVES; 2012; NASCIMENTO; ARAÚJO; CARVALHO, 2013), pois esses pesos, “na prática, são frequências corrigidas” (SCHERRE; NARO, 2010,

p.74). Apresentamos, a seguir, em ordem cronológica, cada uma destas pesquisas com o intuito de comparar, na medida do possível, seus resultados aos obtidos em nosso trabalho.

Martins (1999) estudou a supressão da dental /d/ no grupo “ndo” em contextos finais de palavra, como em “quano” e “trabalhano”, partindo dos dados do *corpus* do projeto VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba). Iniciado em 1993, esse banco de dados foi constituído com o objetivo de estudar a realidade linguística falada em João Pessoa-PB. O *corpus* do VALPB é constituído por 30 homens e 30 mulheres, estratificados, equitativamente, por faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos, acima de 50 anos) e nível de escolaridade (analfabetos, 5ª a 8ª série do primeiro grau e universitários). Em sua amostra, a autora selecionou 24 informantes do VALPB, distribuídos de forma igualitária, segundo as variáveis sociais (sexo³, faixa etária e escolaridade) controladas no projeto.

A pesquisadora selecionou, para análise, os seguintes grupos de fatores: a classe de palavras, o contexto fonológico seguinte, o contexto precedente, a extensão do vocábulo, o sexo, a faixa etária e o grau de escolaridade. Das 1988 ocorrências obtidas, através de narrativas de experiência pessoal, 1045 (53%) eram do apagamento de /d/. Foram consideradas favorecedoras desta variante, pelo VARBRUL, as variáveis sexo, anos de escolarização, faixa etária, classe de palavras e extensão do vocábulo.

Os resultados do trabalho mostraram que, quanto à variável sexo, os homens (,59) beneficiam a supressão de /d/, ao contrário das mulheres (,42). Com relação à faixa etária, os informantes de 15 a 49 anos (,53) são favorecedores da regra, já aqueles com mais de 49 anos (,45) a inibem. Martins (1999) entende que se trata de um caso de variação estável, “[...] já que as probabilidades entre jovens (0,53) e adultos (0,53) da cidade de João Pessoa se mantêm similares e bastante aproximadas em relação aos falantes com mais 49 anos (0,45).” (p. 340). No que tange à escolaridade, tanto os analfabetos (0,69) quanto os informantes com 5 a 8 anos de estudo (0,53) privilegiam o apagamento, diferentemente dos universitários (0,31). Fica patente que à medida que diminui a escolaridade, aumenta a redução de gerúndio. No tocante à variável classe de palavras, o gerúndio (0,60) e o gerúndio enfático (0,61), como em “tá entendendo”, são grandes aliados da supressão, em oposição à conjunção (0,15), como em “quando”. Quanto à extensão do vocábulo, os trissílabos (0,56) e polissílabos (0,54) beneficiam o apagamento, mas os dissílabos (0,37) inibem a regra.

Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012) investigam o apagamento de /d/ no morfema de gerúndio, no interior paulistano, tanto na perspectiva acústica e perceptual quanto na ótica

³ Respeitamos a terminologia adotada por Martins (1999).

variacionista. No entanto, aqui comentaremos apenas os resultados referentes a este último prisma.

O estudo se baseia em 76 narrativas de experiência pessoal, extraídas do banco de dados Iboruna. Esse *corpus* reúne dados de fala do interior do Estado de São Paulo, coletados segundo criterioso controle de variáveis sociais, sendo constituído por dois tipos de amostra de fala (Amostra Censo e Amostra de Interação Dialógica). Nesse estudo, os autores utilizaram somente dados da Amostra Censo que engloba informantes da cidade de São José do Rio Preto e de outras cidades vizinhas (Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiranga, Mirassol e Onda Verde). Participam da Amostra Censo, os informantes com as seguintes características sociais: sexo/gênero⁴ (masculino e feminino), faixa etária (7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 55 anos), nível de escolaridade (1º EF - Ensino Fundamental, 2º EF - Ensino Fundamental, EM - Ensino Médio e ES - Ensino Superior) e renda familiar (até 5 salários mínimos (SR), de 6 a 10 SR, de 11 a 24 SR, mais de 25 SR). Partindo deste perfil social, os autores estipularam o mesmo perfil para os informantes selecionados em sua pesquisa, com exceção apenas da renda, porque só usaram duas faixas: de até 5 SM e de 6 a 10 SM.

Ao todo, foram encontradas 999 ocorrências, sendo que 72% destas pertenciam ao apagamento de /d/. Foram selecionadas, pelo GoldVarb, as variáveis: faixa etária, escolaridade e sexo/gênero, como relevantes para o apagamento, nesta ordem. Os autores se propõem apenas a apresentar os resultados das variáveis sociais.

Os resultados revelam que, quanto à faixa etária, a supressão de /d/ é beneficiada pelas seguintes faixas: 7 a 15 anos (0,63), de 26 a 35 anos (0,64) e a de 16 a 25 anos (0,56), já as faixas de 36 a 55 anos (0,44) e de mais 55 anos (0,17) a desfavorecem. Assim, “[...] quanto maior a faixa etária do informante, menor é a probabilidade de aplicação da redução do gerúndio. Tais resultados indicam claramente que estamos diante de um processo de mudança em progresso [...]” (FERREIRA; TENANI; GONÇALVES, 2012, p. 179). A respeito da variável sexo/gênero, os homens (0,59) são aliados da redução, ao contrário das mulheres (0,40), o que comprova “a premissa variacionista de que as mulheres são relativamente mais sensíveis às formas de prestígio (forma padrão).” (FERREIRA; TENANI; GONÇALVES, 2012, p. 180) Com relação à escolaridade, à proporção que diminui a escolarização, aumenta a aplicação do apagamento: 1º EF, 2º EF, EM e ES⁵.

⁴ A terminologia usada por Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012) foi respeitada aqui.

⁵ Os autores não discriminaram os valores dos pesos relativos para cada um dos graus de escolaridade.

Cruzando as variáveis sexo/gênero e faixa etária, os autores verificaram que a redução de /d/ é favorecida pelos informantes masculinos mais jovens (de 7 a 15 anos e os de 26 a 35 anos). O cruzamento entre sexo/gênero e escolaridade mostra “que os informantes do gênero masculino aplicam mais o apagamento de [d] do que as mulheres, independentemente da escolaridade.” (FERREIRA; TENANI; GONÇALVES, 2012, p. 180). Do cruzamento entre escolaridade e faixa etária, os resultados indicam, em geral, que o maior aliado da supressão de /d/ é o primeiro ciclo do ensino fundamental, ao passo que o nível superior a inibe nas distintas faixas etárias.

Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) trataram da queda de /d/ no morfema de gerúndio, a partir de uma amostra constituída por 24 informantes, provenientes do banco de dados NORPOFOR - Norma Oral do Português Popular de Fortaleza, que representa a variedade de fala popular dos fortalezenses, no período de 2003 a 2006. Esse *corpus*, que possui 198 informantes, controla as variáveis gênero⁶ (masculino e feminino), faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos, acima de 49 anos), escolaridade (nenhum a 4 anos, 5 a 8 anos, 9 a 11 anos) e tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador – DID, Diálogo entre Dois Informantes - D2 e Elocução Formal - EF). Na amostra analisada pelos autores, os informantes foram estratificados por: grau de escolaridade (de nenhum a 4 anos de estudo; de 9 a 11 anos), faixa etária (15 a 25 anos; 26 a 49 anos; a partir do 50 anos) e sexo (masculino; feminino).

Foram selecionadas, exclusivamente, entrevistas do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID), que trazem narrativas de experiência pessoal. Foi feito o controle dos seguintes grupos de fatores: contexto fonético (antecedente e subsequente), extensão do verbo, faixa etária, escolarização e gênero. Colhidos os dados, eles foram submetidos a tratamento estatístico do GoldVarb X e revelaram que, das 465 ocorrências, 345 (74,2 %) pertencem ao apagamento de /d/. A análise estatística selecionou, nesta ordem, as variáveis: escolaridade, faixa etária, contexto fonético antecedente, gênero e contexto fonético subsequente, como as mais importantes para a regra.

Os resultados evidenciaram que a menor escolaridade (0,75) dos informantes privilegia a supressão de /d/, ao contrário da maior escolaridade (0,31). As mulheres (0,57) favorecem a regra, contrapondo-se aos homens (0,43). A faixa de 26 a 49 anos dos informantes (0,71) beneficia a regra, assim como a de 15 a 25 anos (0,54). Já a faixa acima de 49 anos (0,25) desfavorece o apagamento. Os autores entendem que o fenômeno examinado

⁶ Respeitamos a terminologia escolhida pelos autores.

representa um caso de variação estável. Os segmentos vocálicos anteriores /a/ (0,53) e /e/ (0,52) beneficiam o apagamento, enquanto a vogal /i/ (0,19) é o único que o inibe. Os contextos posteriores à supressão: /d/ (0,80), /k/ (0,72), /t/ (0,62) e /m/ (0,60) favorecem a regra, ao passo que os contextos /f/ (0,49), pausa (0,31), vogais posteriores orais (0,27) e /l/ (0,25) atuam como inibidores do processo.

O cruzamento entre faixa etária e escolaridade mostra que os adultos (26 a 49 anos) com a menor escolaridade (0,95) beneficiam, amplamente, o apagamento, assim como os jovens (15 a 25 anos) com baixa escolaridade (0,81). “Com escolaridade maior, a de 9 a 11 anos, nenhuma faixa etária favorece o apagamento da oclusiva do gerúndio, o que pode ser reflexo da pressão que a escola exerce sobre os indivíduos.” (NASCIMENTO; ARAÚJO; CARVALHO, 2013, p. 411)

Com base nos estudos de Martins (1999), Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012) e Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), vimos que as comunidades de fala analisadas realizam mais o apagamento de /d/ no gerúndio do que a sua manutenção. Nestes três trabalhos, o fenômeno analisado sofre grande influência de três variáveis sociais, a saber: sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. Quanto à variável sexo/gênero, Martins (1999) e Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012) indicam que os homens beneficiam a regra, em oposição às mulheres. Somente Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) constataram que as mulheres, diferentemente dos homens, privilegiaram a supressão de /d/. No que tange à escolaridade, Martins (1999), Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012) e Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) revelam que à proporção que diminui a escolaridade, aumenta a aplicação da regra. Com relação à faixa etária, as três pesquisas mostram que a queda de /d/ ocorre mais na fala dos jovens do que na fala daqueles com mais de 50 anos. É válido lembrar que Martins (1999), Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012) e Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) se embasaram em dados provenientes de narrativas de experiência pessoal, o que torna o dado coletado mais próximo do falar espontâneo e, conseqüentemente, possibilitou a realização de grande número de ocorrências do fenômeno em pauta.

Metodologia

Utilizamos dados do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, empreendimento de grande envergadura e de amplitude nacional, cujo propósito é elaborar um atlas linguístico do falar brasileiro, com base nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, que

privilegia não só a variação espacial, mas também considera os aspectos sociais. (CARDOSO, 2014)

Participam da nossa amostra 104 informantes do ALiB, provenientes de 13 capitais brasileiras, sendo que destas 09 pertencem à Região Nordeste (Aracaju, Fortaleza, João Pessoa, Maceió, Natal, Recife, Salvador, São Luís e Teresina) e 04 são da Região Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória e Belo Horizonte). De cada localidade examinada, coletamos dados da fala de 08 informantes, estratificados, equitativamente, segundo a escolaridade (até a 8ª série do fundamental e ensino superior completo), a faixa etária (18 a 30 anos e 45 a 60 anos) e o sexo/gênero (masculino e feminino). São características de todos os informantes: serem naturais da localidade estudada e filhos de pais também nascidos nessa localidade. Com base neste perfil social do informante, selecionamos as seguintes variáveis: sexo/gênero, escolaridade, faixa etária e localidade.

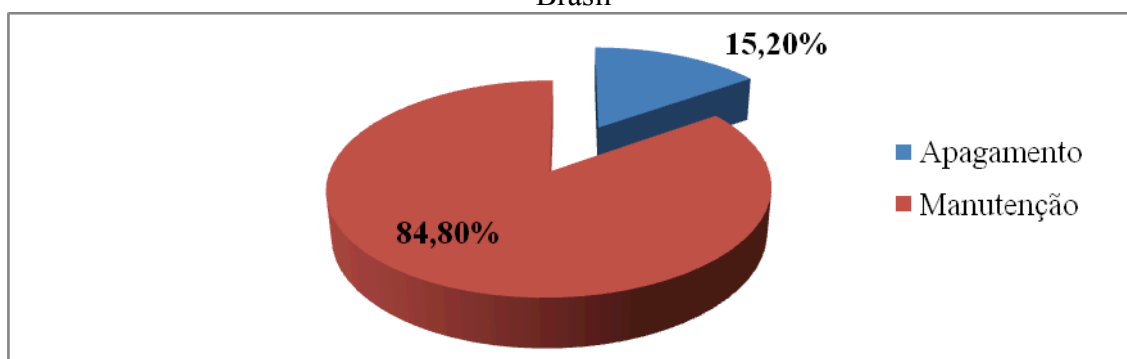
O primeiro questionário do ALiB, o QFF, era também o primeiro aplicado aos entrevistados. Isso contribui para que os informantes se mostrem cautelosos com as respostas dadas ao inquiridor. Nossos dados foram retirados do QFF, por isso acreditamos que sua produção tenha ocorrido quando os informantes apresentavam um estilo de fala tenso. Há, no QFF, três questões que trazem, como resposta, itens lexicais no gerúndio, a saber: fervendo (questão 27), remando (questão 52) e dormindo (questão 148). Por isso, apenas estas três questões foram consideradas nesta análise. Considerando o baixo número de itens lexicais, decidimos não analisar variáveis linguísticas neste trabalho, porque nossos resultados sofreriam, com certeza, influência do item lexical.

Após a transcrição fonética dos itens lexicais selecionados, foi feita a codificação para cada ocorrência encontrada do fenômeno em tela. Logo depois, submetemos os dados à análise estatística do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2012).

Análise dos dados

A seguir, apresentaremos, inicialmente, os resultados obtidos para as capitais do Sudeste e, depois, para as capitais do Nordeste.

Gráfico 1: Frequência de uso das variantes nas capitais do Sudeste do Brasil



Na análise feita para as capitais da Região Sudeste, encontramos, ao todo, 92 dados, assim distribuídos: 14 (15,2%) para a supressão de /d/ no morfema “ndo” e 78 (84,8%) para a sua realização, o que revela a supremacia da forma conservadora, como vemos no gráfico 1. Obtivemos, no melhor nível de análise do GoldVarb X, um *input*⁷ 0,069, mostrando uma baixa probabilidade de ocorrência do apagamento, e significância⁸ = 0,009. O sexo/gênero e a escolaridade, nesta ordem de importância, foram os grupos de fatores selecionados pelo programa como os mais relevantes para a regra examinada. Já os grupos de fatores localidade e faixa etária não foram considerados relevantes pelo GoldVarb X. A seguir, analisaremos as variáveis selecionadas pelo programa.

Martins (1999) constata que o grupo de fatores sexo/gênero foi selecionado entre os mais relevantes em sua pesquisa na aplicação da redução do gerúndio, só não nos revela a ordem de seleção deste fator. Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012, p. 180) observaram que “a variável sexo/gênero foi a última selecionada como significativa” dentre os fatores sociais, já Nascimento, Araújo e Carvalho (2013, p. 408) verificaram que, entre os fatores linguísticos e extralinguísticos, esta variável foi “selecionada em quarto lugar na análise estatística.” Em nosso estudo, este grupo de fatores aparece como o mais relevante dentre as variáveis extralinguísticas analisadas.

⁷ O *input* “representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 238).

⁸ De acordo com Scherre (1993), o nível de significância é a margem de erro, que é de 5% (threshold ,05), com a qual trabalha o Varbrul. Este valor indica o grau de confiabilidade dos resultados. A autora acrescenta que “se o nível de significância for acima deste valor, previamente arbitrado, os resultados não são considerados estatisticamente significativos.” (SCHERRE, 1993, p. 27)

Tabela 1 – Atuação da variável sexo/gênero sobre a supressão de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do Sudeste do Brasil

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Masculino	13/47	27,7%	0,811
Feminino	1 ⁹ /45	2,2%	0,179

De acordo com a tabela 1, os homens (0,811) do Sudeste são fortes aliados da variante não padrão e estigmatizada, o apagamento, ao contrário das mulheres (0,179) que a inibem, pois elas aplicam mais a manutenção de /d/, a forma padrão e de prestígio. Este resultado confirma a tendência de que as mulheres preferem as formas linguísticas padrão e de prestígio, como mostram os primeiros estudos sociolinguísticos (LABOV, 1966, 2008; TRUDGILL, 1974; FISCHER, 1958 *apud* PAIVA, 2003).

Assim como Martins (1999) verificou no falar pessoense, Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012, p. 180) constataram que, na variedade rio-pretense, “as mulheres são relativamente mais sensíveis às formas de prestígio (forma padrão).” Esse resultado já tinha sido observado por Silva e Paiva (1996), após analisarem o comportamento da variável sexo/gênero em diversos estudos sociolinguísticos no português do Brasil.

Para Labov (2008), as mulheres, usando formas linguísticas prestigiadas, buscam *status* social, pois possuem um senso mais apurado do que os homens de sua estratificação social, devido à posição social instável que elas ocupam em nossa sociedade. O autor também postula que as mulheres não sofrem as mesmas pressões que os homens em suas relações sociais para usar as normas do vernáculo, já que os homens se inclinam a participar de redes mais densas e diferenciadas. Isso explicaria, em nossa amostra, a maior propensão das mulheres pela manutenção de /d/, que é a variante padrão, ao passo que os homens aplicam mais a forma não padrão, o apagamento.

Encontramos, mais abaixo, nas palavras de Paiva (2003), um esclarecimento a respeito da preferência das mulheres pelas variantes conservadoras e de prestígio.

O fato de as mulheres se revelarem linguisticamente mais conservadoras ou mais orientadas para variantes de prestígio em algumas comunidades de fala pode ser, em grande parte, resultado de um processo diferenciado de socialização de homens e mulheres e da dinâmica de mobilidade social que caracteriza cada comunidade de fala. (PAIVA, 2003, 39-40)

⁹ Esta ocorrência diz respeito à redução do gerúndio do verbo *dormir*, pronunciado dorm[inu], que foi realizada por uma informante do Rio de Janeiro, com idade entre 18 a 30 anos.

Monteiro (2002) também se pronuncia a respeito da diferença de comportamento linguístico entre homens e mulheres. Para o autor, isso ocorre

[...] porque a língua como fenômeno social está intimamente relacionada a atitudes sociais. Os indivíduos são socialmente diversificados em função dos vários papéis sociais que a sociedade lhes impõe e das expectativas de padrões de comportamento que são criadas para cada um deles. (MONTEIRO, 2002, p. 76)

Tratando da diferenciação linguística entre homens e mulheres, Santos (2011, p. 48) demonstra estar de acordo com Paiva (2003) e, assim, explica a predileção das mulheres pelas formas linguísticas prestigiadas:

As mulheres sinalizam seu status social através da sua utilização da norma, abertamente variantes de prestígio. A entrada feminina no mercado de trabalho é um fato relativamente recente. A necessidade de reconhecimento profissional e social é ainda uma prioridade feminina. Os homens, por outro lado, já conquistaram os espaços públicos, o respeito e reconhecimento sociais necessários, o que sinaliza uma diferença de prioridade entre os grupos. Enquanto mulheres ainda têm de ser [sic] buscar respeito social, os homens podem contar com a memória coletiva e gozar do reconhecimento de que gozam os falantes desse gênero, se pensarmos que as descobertas das ciências, a conquista do espaço, a expansão marítima etc. são conquistas atreladas historicamente a esse grupo social.

Agora trataremos do segundo grupo de fatores selecionado neste estudo, a escolaridade. Nascimento, Araújo e Carvalho (2013) atestam que essa variável foi selecionada, entre os fatores linguísticos e extralinguísticos, como a mais importante no apagamento de /d/. Tal como verificamos em nossa pesquisa, Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012) observaram que a escolaridade também foi eleita, dentre as variáveis sociais, a segunda mais relevante na aplicação da regra.

Os dados apresentados na tabela 2 revelam que os informantes com menor escolaridade (0,712) beneficiam muito a aplicação da variante não padrão, o apagamento, enquanto os que possuem maior escolaridade (0,296) se mostraram favorecedores da forma padrão, a manutenção de /d/. Acreditamos que “uma possível explicação para esses resultados seria o fato de os informantes mais escolarizados terem maior conhecimento da gramática normativa e dos seus valores sociais”, porque as variantes prestigiadas seriam as formas ditadas pela gramática e pelas camadas sociais mais valorizadas, que, por conseguinte, são

constituídas, geralmente, por pessoas com o mais alto nível de escolaridade. (FERREIRA; TENANI; GONÇALVES, 2012, p. 18)

Tabela 2 – Atuação da variável escolaridade sobre a supressão de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do Sudeste do Brasil

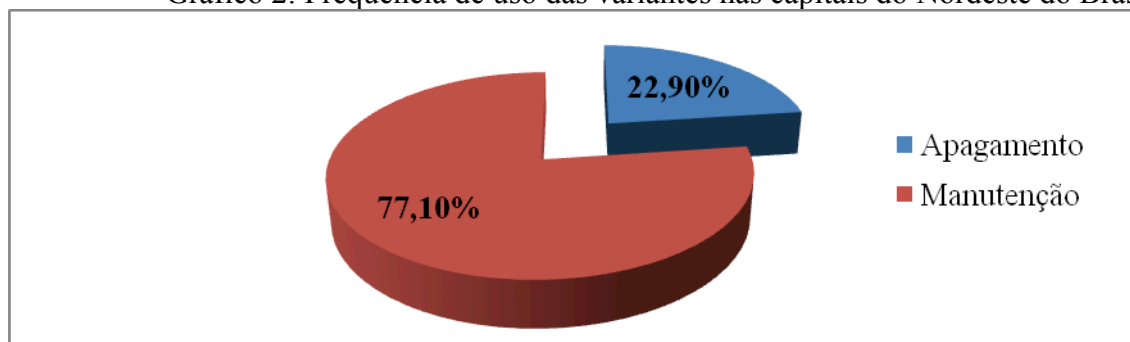
Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Até o 8º ano Ensino Fundamental	11/45	24,4%	0,712
Ensino superior completo	3 ¹⁰ /47	6,4%	0,296

Assim como o nosso estudo, o de Martins (1999), Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012) e Nascimento, Araújo e Carvalho, (2013) constataram que os mais escolarizados usavam mais as formas de prestígio, enquanto os menos escolarizados empregavam mais as variantes desprestigiadas, como já tinha observado Labov (1966).

Sobre a variável escolaridade, Votre (2003, p. 52-53) afirma que as variantes de prestígio “Estão reguladas e codificadas nas gramáticas normativas, em que adquirem o estatuto de formas corretas, a serem ensinadas, aprendidas e internalizadas através de longo processo escolar”. Desse modo, entende-se que quanto maior o tempo de exposição à escola e, conseqüentemente, ao código escrito normatizado nas gramáticas e dicionários, maior o uso de variantes de prestígio.

Logo a seguir, apresentaremos os resultados obtidos para as capitais brasileiras do Nordeste.

Gráfico 2: Frequência de uso das variantes nas capitais do Nordeste do Brasil



¹⁰ Estas ocorrências se referem aos itens lexicais *fervendo*, *dormindo* e *remando* que sofreram o apagamento de /d/ no gerúndio. Esses dados pertencem, respectivamente, a três informantes graduados e do sexo/gênero masculino: o primeiro é de Belo Horizonte, entre 18 a 30 anos; o segundo é do Rio de Janeiro, da faixa de 18 a 30 anos; e o terceiro é de Vitória, entre 45 a 60 anos.

A análise feita para as capitais da região Nordeste apresentou um total de 210 dados, sendo que destes 48 (22,9%) pertenciam ao apagamento e 162 (77,1%) eram de manutenção de /d/ no gerúndio, como visualizamos no gráfico 2.

O *input* 0,197, encontrado no melhor nível de análise do GoldVarb X, evidencia que a probabilidade de ocorrer apagamento no Nordeste é muito pequena, mas, ainda assim, as chances de essa variante ocorrer nesta Região são maiores do que no Sudeste. Também, obtivemos, no melhor nível de análise, a significância = 0,001. Como as variáveis mais relevantes para a redução de gerúndio, o programa selecionou o sexo/gênero e a escolaridade, nesta ordem, a exemplo do que tinha acontecido na análise feita para o Sudeste. Mais uma vez, as variáveis localidade e faixa etária não foram consideradas relevantes pelo programa estatístico. A seguir, discutiremos cada uma.

Como indica a tabela 3, no Nordeste brasileiro, os homens (0,650) favorecem a supressão, a forma não padrão, já as mulheres (0,353) a desfavorecem e aplicam mais a variante de prestígio e conservadora, a manutenção de /d/, como observamos na Região Sudeste. Mais uma vez, confirma-se aqui a preferência das mulheres pelas formas de prestígio, ratificando o que preconizam as pesquisas da literatura sociolinguística.

Tabela 3 – Atuação da variável sexo/gênero sobre a supressão de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do Nordeste do Brasil

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Homens	34/104	32,7	0,650
Mulheres	14/106	13,2	0,353

A tabela 4 mostra que os informantes nordestinos menos escolarizados (0,646) beneficiam a forma não padrão, o apagamento, enquanto que os mais escolarizados (0,354) aplicam mais a forma padrão. Assim, repete-se o mesmo padrão observado entre os informantes do Sudeste brasileiro, comprovando as palavras de Labov (1966).

Tabela 4 – Atuação da variável escolaridade sobre o apagamento de /d/ no morfema “ndo” nas capitais do Nordeste do Brasil

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Até o 8º ano do Ensino Fundamental	34/105	32,4	0,646
Ensino Superior Completo	14/105	22,9	0,354

Conclusões

Examinando-se os dados das capitais brasileiras do Nordeste e do Sudeste do Brasil, extraídos do Questionário Fonético-Fonológico do ALiB, vimos que as duas Regiões realizam, maciçamente, a consoante dental /d/ no morfema de gerúndio, a forma padrão, em detrimento do seu apagamento, a variante não padrão. Vale lembrar que, como o QFF é o primeiro questionário aplicado aos informantes pelos pesquisadores do ALiB e que eles respondem, em geral, com uma única palavra, há um certo grau de tensão neste tipo de entrevista, o que justifica o maior surgimento da variante padrão e conservadora em nossos dados.

A redução do gerúndio é um pouco mais frequente no Nordeste do que no Sudeste, revelando que, aquela Região é menos conservadora do que esta, pelo menos quanto a este fenômeno. Para ambas as Regiões, foram selecionadas as mesmas variáveis e na mesma ordem de relevância: sexo/gênero e escolaridade. Assim, fica evidente que, independentemente, da Região, o comportamento de homens e mulheres se destaca mais na realização do apagamento de /d/ do que o grau de escolaridade dos informantes.

No Nordeste e no Sudeste, tanto os homens quanto os informantes com menor escolaridade beneficiam, de forma expressiva, a redução do gerúndio. Em contrapartida, as mulheres desfavorecem o apagamento, denotando um comportamento conservador, e os informantes com maior escolaridade privilegiam a manutenção de /d/, o que reforça a tese de que quanto maior o tempo de exposição do indivíduo à escola, maior é a pressão que ela exerce sobre ele.

Em nenhuma análise estatística, foram consideradas relevantes a faixa etária e a localidade. Por isso, decidimos não tecer aqui maiores informações sobre o comportamento destes grupos de fatores.

Referências

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Editora Anhembi Ltda. 1920.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. *Atlas linguístico da Paraíba: Análise das formas e estruturas linguísticas encontradas*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial. 2 v. 1984.
- CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução teoria e a prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CARDOSO, S. A. M. da S. A história do Atlas Linguístico do Brasil. In: CARDOSO, S. A. M. da S.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. de A.; ARAGÃO, M. do S. S. de; ISQUERDO, M.

COSTA, G. B. Reflexos pedagógicos da simplificação do gerúndio em estudantes do ensino fundamental. *Letra Magna* (Online), v. 11, p. 1-22, 2009. Disponível em: <<<http://www.uesc.br/eventos/selipeanais/anais/geisaborges.pdf>>>. Acesso em: 06 julho 2015.

ECKERT, P.; McCONNELL-GINET, S. *Language and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FERREIRA, J. S.; TENANI, L. E.; GONÇALVES, S. C. L. O morfema de gerúndio "ndo" no português brasileiro: análise fonológica e sociolinguística. *Letras & Letras*, Uberlândia – MG, v. 28, n. 1, p. 167 – 188, 2012, Disponível em: <<<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25855/14214>>>. Acesso em: 09 set. 2015.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa*. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D. C.: Center of Applied of Linguistics, 1966.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Vol. 1. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

_____. *Principios del cambio lingüístico: factores sociales*. Tradução de Pedro M. Butragueño. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

MARTINS, I. F. de M. Variação do apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo “ndo” na fala de João Pessoa. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, 16, 1999, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: UFC, 1999. p. 337-342.

MARROQUIM, M. *A língua do nordeste (Alagoas e Pernambuco)*. São Paulo: Nacional, 1934.

MELO, G. C. de. *A língua do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

MOLLICA, M. C; MATTOS, P. B. de; GODINHO, S. M. F. Um padrão etário recorrente em fenômenos de variação fonológica. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 17. p.513-520. 1989. Disponível em: http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1306156869_59.mollica_etal.pdf. Acesso em: 05 jul. 2016.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.15-25.

NASCIMENTO, K. R. S. do; ARAÚJO, A. A. de; CARVALHO, W. J. de A. A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista. *Veredas*. Juiz de Fora, v.2. p. 398-413. 2013. Disponível em:

<<<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/04/21%C2%BA-ARTIGO.pdf>>>. Acesso em: 05 set. 2015.

PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L.. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.33-42.

RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W. (Ogs.) In: *Atlas Linguístico do Brasil: introdução*. Londrina: Eduel. 2014. 1 v. p. 17-36.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb Lion - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2012. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>>. Acesso em: 11 out. 2015.

SANTOS, V. M. dos. A complexa relação entre gênero/sexo e a variação no uso de pronomes em função de sujeito. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 15, 2011. Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 44-63. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/04.pdf. Acesso em: 25 fev. 2016.

SCHERRE, M. M. P. *Introdução ao Pacote VARBRUL para microcomputadores*. Brasília, UNB, 1993.

_____; NARO, A. J. Efeitos da saliência fônica e do tempo/moço verbal na concordância verbal. In: MOLLICA, M. C. (Org.) *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010, p.71-77.

SILVA, G. M. de O. e; PAIVA, M. da C. A. de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: *Padrões Sociolinguísticos -Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. SILVA, G. M. de O. e; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 336 - 378.

SILVA NETO, S. da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.

TRUDGILL, P. *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge: CUP, 1974.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 52-57.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Artigo recebido em: 27/02/2016.

Artigo aceito em: 18/07/2016.

Artigo publicado em: 30/07/2016.